

OUVINTES E SURDOS: UMA RELAÇÃO ESTABELECIDOS E OUTSIDERS

Claudio Luis Silva Saraiva
Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia - UFAM
E-mail: claudio.espanol@hotmail.com

Rosemara Staub de Barros
Doutorado em Comunicação e Semiótica
E-mail: rosemarastaub@gmail.com

RESUMO

A essência da vida dos surdos passa por um emaranhado de situações em seus paradigmas sociais e educacionais historicamente constituídos, cujos fatores são evidenciados através de teorias e práticas sociais. O presente artigo tem como objetivo realizar uma relação sobre ouvintes e surdos com os conceitos presentes nos trabalhos de Norbert Elias. Com isso, optou-se por uma pesquisa bibliográfica que será baseada na obra “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”. Compreende-se com o estudo que o processo civilizador ocorre por meio da interação entres os sujeitos, ou seja, é nas relações que nós construímos as relações.

Palavras-chave: Ouvintes; Surdos; Estabelecidos e Outsiders.

HEARING AND DEAF: A RELATIONSHIP ESTABLISHED AND OUTSIDERS

ABSTRACT

The essence of the life of the deaf goes through a tangle of situations in their historically constituted social and educational paradigms, whose factors are evidenced through theories and social practices. This article aims to establish a relationship between hearing people and the deaf with the concepts present in the works of Norbert Elias. With that, a bibliographical research was chosen that will be based on the work “The established and the outsiders: sociology of power relations from a small community”. It is understood with the study that the civilizing process occurs through the interaction between the subjects, that is, it is in the relationships that we build relationships.

Keywords: Listeners; Deaf; Established and Outsiders.

INTRODUÇÃO

Historicamente os surdos estiveram marginalizados da sociedade, considerados diferentes, como salienta Sasaki (1997, p. 16), a sociedade “começou a praticar a exclusão social de pessoas que — por circunstâncias atípicas — não

pareciam pertencer à maioria da população”. Mas uma vez admitida a surdez, esforços foram feitos para garantir que os surdos não fossem excluídos da sociedade.

A partir da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), as políticas sociais brasileiras, foram desenvolvidas nos últimos anos para garantir que as pessoas com deficiência auditiva tenham acesso à educação, que merecem de acordo com seus direitos constitucionais, com a esperança de que estariam mais preparados para entrar no mercado de trabalho.

Segundo Lacerda (1998, p. 68), as políticas públicas voltadas para o aluno surdo, visam proporcionar o desenvolvimento pleno de suas habilidades, entretanto, encontram diversas “limitações”, mostrando que “esses sujeitos, ao final da educação básica, não são capazes de ler e de escrever satisfatoriamente”; também no tocante ao desenvolvimento das capacidades desses alunos, uma vez que eles não conseguem “um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos”.

O que percebemos geralmente é que muitos alunos surdos não conseguem o domínio pleno da língua portuguesa, exigindo deles sacrifício, paciência e muito esforço para acompanhar, compreender e interiorizar os conteúdos, mesmo com a presença do interlocutor. Uma vez que, segundo Marchesi (1995) “[...] o surdo é participante de programas educacionais voltados para ouvintes e elaborados por ouvintes [...]”. (MARCHESI, 1995b apud MACHADO, 2006, p. 49).

Dadas as particularidades das interações entre alunos surdos e ouvintes, no contexto desse estudo, foi central a esta análise a concepção de estabelecidos e outsiders desenvolvida por Elias e Scotson (2000) para o entendimento das diferentes posições que os participantes ocupam nos seus modos de ver a si mesmos e ao outro em suas práticas discursivas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para tentarmos nos aproximar desses movimentos gerados pelas tensões nas interações sócio-discursivas, entre os sujeitos participantes desse estudo, utilizaremos como matriz da análise dos registros as categorias estabelecidas e outsiders desenvolvidas pelos sociólogos Elias e Scotson (2000) que as definem como um duplo vínculo constituído por laços desiguais de interdependência que, ao mesmo

tempo, separam e unem os sujeitos em um processo dinâmico, irredutível a uma polarização cristalizada.

Os direitos linguísticos das comunidades surdas foram violados em 1880 no Congresso de Milão, uma reunião de intelectuais que provou que os surdos não tinham problemas com a transmissão de voz e que poderiam aprender a falar com meio de métodos. A partir daí, determinou-se que a língua de sinais fosse eliminada das práticas sociais e educativas a favor da obrigatoriedade da oralização, com o objetivo principal de desenvolver a língua falada dos surdos (já que se acreditava que a língua falada era essencial para a comunicação).

Quando uma criança surda nasce em uma família ouvinte, o processo de socialização da criança é tenso desde o início porque os pais lutam para aceitar seu filho "diferente". Uma das reflexões de Elias é sobre a importância de respeitar os direitos linguísticos e culturais dos povos. Ele argumenta que isso é tão importante quanto respeitar os direitos das crianças, que ele vê como um direito humano fundamental.

O mesmo acontecia com aqueles considerados "mentalmente anormais" ou "surdos", que inicialmente eram rejeitados pela sociedade e depois colocados em instituições para serem protegidos porque se acreditava que eles eram incapazes de receber uma educação que levasse em conta sua percepção a normalidade (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 06). Houve muitos casos de abandono de crianças no passado; crianças foram jogadas em rios, florestas e até cavernas porque davam trabalho, também choravam e gritavam excessivamente, e naquela época não havia leis contra assassinato (SCOTSON, 2012).

Nesse caso, a relação entre a sociedade e o indivíduo pode ser vista claramente na vida das pessoas com deficiência; cada pessoa com deficiência tem suas próprias necessidades e níveis de dependência, como o aluno cego que depende de um intérprete de livro ao longo de sua escolarização inteira.

Os seres humanos estabelecem uma relação de dependência mútua por meio da formação de dinâmicas de poder entre si e com os que os cercam. O autor argumenta que o uso de uma linguagem social é essencial porque sem ela não se pode orientar ou se comunicar com os outros, tornando-se incapaz de serem verdadeiramente humanos. As pessoas se comunicam principalmente por meio da

linguagem; autores de configurações referem-se à teia de conexões entre as pessoas como uma "teia de relações" por causa da maneira como as palavras e frases se entrelaçam para criar dependências entre os sujeitos.

A ideia de interdependência para o autor é que "eu", "você", "ele", "ela", "nós" e "eles" nenhum desses existem sem o outro. O que para Elias (1994) seria a sociedade, pois não há sociedade sem indivíduo nem indivíduo sem sociedade, se constitui como uma estrutura organizacional, um conjunto de relações e um todo relacional, com diversas formas de entrelaçamentos sociais e inter-relacionamentos que de maneira alguma vai acontecer individualmente, os indivíduos fazem a sociedade e a sociedade faz o indivíduo.

Por causa da surdez profunda, os surdos agem como um estrangeiro em uma sala de aula, que não entende o que está acontecendo, porque não fala a língua que está sendo usada ali. Podemos classificá-los como *outsiders*, termo cunhado por Elias e Scotson (2000) para caracterizar como são tratadas as pessoas que não se identificam com a cultura dominante. Silva (2005) faz a seguinte observação em referência à obra de Elias e Scotson:

"Guardadas as diferenças, pode-se fazer um paralelo entre esses estudos e a frágil situação dos alunos surdos dentro da escola regular. Há pontos comuns como, por exemplo, os problemas escolares dos surdos, vistos como algo inerente à surdez, e, por isso, como algo grave que os separa do grupo de ouvintes. Pode-se dizer então que eles são vistos como forasteiros dentro do espaço escolar se comparados ao grupo de alunos ouvintes (os 'estabelecidos') que são identificados com o grupo social majoritário, com os quais os professores estão mais acostumados e já sabem como lidar – enquanto os surdos representam o novo e o diferente e, por isso mesmo, assustam e incomodam dentro da estrutura escolar" (Silva, op. cit.: 183).

Depois de algum tempo, os recém-chegados pareciam aceitar com um misto de resignação e perplexidade a ideia de pertencerem a um grupo com menor virtude e respeitabilidade.

A diferença entre o "estabelecido" e os "outsiders" pode ser resumida no conceito de dinâmica de poder: os primeiros desfrutam de posições econômicas, sociais e linguísticas privilegiadas, consideram-se superiores aos segundos e trabalham ativamente para manter os últimos fora. Contudo aqueles que são socialmente e linguisticamente configurados como outsiders podem ser estabelecidos em outros momentos.

Essa balança de poder dos ouvintes sobre os alunos surdos os torna excluídos diariamente dentro da escola, é indiscutível que essa não aceitação é consequência da linguagem, onde são deixados em um isolamento social e linguístico.

Nesse contexto, embora possa haver obstáculos, Gonçalves e Festa (2013) argumentam que as escolas ainda devem fazer todos os esforços para incluir alunos com necessidades especiais, como os surdos, prometendo-lhes as mesmas oportunidades que seus pares com desenvolvimento típico. A presença do aluno surdo na sala de aula exige o reconhecimento da necessidade de desenvolvimento de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adaptados ao estilo de aprendizagem único do aluno surdo. Como o aluno surdo já está presente na escola, é responsabilidade dos professores promoverem um ambiente que encoraje o crescimento e a mudança para melhor atender as suas necessidades.

Se não houver um especialista em LIBRAS na equipe, um tradutor/intérprete profissional é essencial para uma comunicação eficaz em sala de aula. Esse profissional surgiu com a necessidade da comunidade surda de possuir um mediador no processo de comunicação com os ouvintes. Informalmente, os familiares cumpriam esse papel por não conhecerem a Língua de Sinais. Como resultado, desenvolveram uma linguagem própria, distinta da Língua de Sinais, voltada apenas para as necessidades imediatas e básicas da criança surda (CASTRO, 1999).

Faltam reconhecer a cultura e a identidade surda, não ver apenas como integração/inclusão, mas como uma situação de convivência, no qual o aparato governamental para a educação deve se adequar às necessidades dos surdos e não ao contrário para realmente poder se falar em inclusão. Portanto pensar em adaptar algumas horas de ensino de LIBRAS na grade curricular da rede pública escolar, com professores habilitados e capacitados seria sim um bom caminho para se pensar em integração/inclusão, pois percebemos que a maioria dos alunos “incluídos” aprenderam LIBRAS através de sua religião, sendo raras as instituições mantidas pelo governo que oferecem desde tenra idade a língua de sinais à criança surda e a sua família.

As escolas com foco na educação inclusiva seguem o princípio de que todo aluno tem um lugar na sala de aula, e é por isso que muitas vezes são formadas por alunos de diferentes origens, e com níveis variados de proficiência na língua. É

possível que o problema da exclusão de um grupo possa ser entendido observando a interdependência e a natureza figurativa dos grupos envolvidos e como a comunidade em geral está emaranhada com os estabelecidos que se acham superiores, que são os ouvintes ou ditos normais, também temos os forasteiros, que são os surdos que vivem sobre o poder e sobre a imposição de uma língua que não é sua, de uma identidade em que não se vê nela e uma cultura majoritária que nega e desvaloriza a sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer a importância da língua e da cultura surda, faz-se necessário no processo de valorização da Libras e das particularidades dos contextos de surdez, para que haja um equilíbrio de forças, e o embate entre cidadãos surdos em fazer parte do mundo ouvinte. Que isso não seja mais um embate, mas, sim, situações complementares.

Sendo necessário um convívio minimamente satisfatório com a sociedade ouvinte, faz-se necessária a interação do surdo com a cultura e a língua desta sociedade, assim como a sociedade majoritária também tem que conhecer, entender e respeitar a língua e a cultura dos seres surdos. Entretanto, para a promoção de sua integridade como indivíduo e cidadão são também necessárias a possibilidade de convívio com seus pares e a liberdade de uso de uma língua capaz de promover conhecimentos e interações, além da necessidade indiscutível de um conhecimento linguístico de base, para a aquisição menos conflitiva da língua majoritária.

Os ouvintes da escola devem aprender a usar a língua de sinais para se comunicarem com os alunos surdos da escola nas aulas e nos intervalos; dessa forma, a escola como um todo pode se tornar mais acolhedora para alunos de todas as origens e habilidades, quebrando barreiras de exclusão e criando um ambiente de aprendizagem mais igualitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, R. G. **Libras**: uma ponte para comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1999.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Civilização dos Pais**. Revista Sociedade e Estado. Rio de Janeiro: Vol. 27, Número 3, p. 469-493, setembro/dezembro 2012.

_____. **Escritos & Ensaio**: 1 estado, processo, opinião pública v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

STROBEL, Karen. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Dissertação de Mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES/UFSC, 2006.

Gonçalves, Humberto Bueno; Festa, Priscila Soares Vidal. **Metodologia do professor no ensino de alunos surdos**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. Dezembro, 2013. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revistapedagogia/pdf/n6/ARTIGO-PRISCILA.pdf>. Acesso em 23/07/2006.